

A MODERNIDADE DE ONTEM, DE HOJE DE AMANHÃ¹

Railton Nascimento Souza²

RESUMO

Este artigo faz uma análise do conceito modernidade, sob a perspectiva da obra de Marshall Berman “Tudo que é sólido se desmancha no ar”. Para situar a ideia de modernidade no tempo e estudá-la a partir de suas contradições e dualismos, nos deteremos em três momentos históricos: entre os séculos XVI e XVIII; no século XIX e também no século XX. Trataremos a constatação dos paradoxos inerentes a essa ideia também evidentes na obra de Sérgio Rounet, Mal-estar na modernidade. Identificaremos, graças ao universo analítico de Rounet, os problemas do liberalismo que transformou o individualismo em hiperindividualismo consumista e do socialismo que no lugar da individualidade foi afirmado um antiindividualismo baseado na oposição à ideia de indivíduo egoísta. Questionamos ao final, com Berman, a proposta denominada por Rounet civilização iluminista, defendida por ele como caminho e possibilidade civilizatória ante a barbárie que identificamos presente na sociedade.

Palavras-chave: modernidade, liberalismo, socialismo, iluminismo.

RESUMEN

Este artículo hace una análisis del concepto modernidad, sob la perspectiva de la obra de Marshall Berman “Todo que és sólido se desmancha en el aire”. Para situar la idea de modernidad en el tiempo y hacer su estudio a partir de sus contradicciones y dualismos, vamos tratar tres momentos históricos: entre los siglos XVI e XVIII; en el siglo XIX e también en el siglo XX. Trataremos la constatacion de los paradoxos inerentes a esa idea también evidentes en la obra de Sérgio Rounet, Malestar en la modernidad. Identificamos, gracias al universo analítico de Rounet, los problemas del liberalismo que cambiou lo individualismo en hiperindividualismo consumista y de lo socialismo que en el lugar de la individualidad fue afirmando um antiindividualismo baseado en la oposición a la idea de indivíduo egoísta. Questionamos en el final, con Berman, la proposta denominada por Rounet civilización iluminista, defendida por el como camino y posibilidad civilizatória ante la barbárie que identificamos presente en la sociedad.

Palabras llave: modernidad, liberalismo, socialismo, iluminismo.

¹ Artigo apresentado para avaliação parcial do Doutorado Institucional do Instituto Packter de Filosofia Clínica. Cel. Lucas de Oliveira, 1937 – Porto Alegre - RS

² Professor de filosofia das Faculdades Aphonsiano. E-mail: railtonsuigeneris@hotmail.com

Em seu texto intitulado “Modernidade ontem, hoje e amanhã”, da obra “Tudo que é sólido desmancha no ar”, Marshall Berman define modernidade como uma experiência compartilhada no tempo e no espaço que promete aventura, mas ameaça destruir o que somos. Logo na introdução da obra já fica claro o caráter paradoxal por ele imprimido na caracterização dessa experiência que une a humanidade. Para ser mais preciso: a natureza dialética da modernização e do modernismo (2001, p.15).

Berman situa sua análise no tempo. Para ele as pessoas que viviam entre os séculos XVI e XVIII, nem faziam idéia do que as atingia. Já no século XIX elas viviam num mundo que não era moderno por inteiro, mas que caminhava para um processo de modernização que se expandiria a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo. É aqui que Berman constata que a modernidade se fragmentou em caminhos e perdeu sua nitidez. No século XX, desligando-se do contato com sua própria raiz essa modernidade não conseguiu mais dar sentido à vida das pessoas. (2001, p.16).

Na análise da era moderna feita na obra *Mal-estar na modernidade*, Sérgio Paulo Rounet também constata contradições, negações e paradoxos. Propõe, assim, uma saída neomoderna que mantenha o que existe de positivo na modernidade e ao mesmo tempo corrija suas patologias. A modernidade assume então para Rounet (2003, p.13) o caráter de um projeto denominado Iluminismo, destilado da Ilustração - um movimento situado na epocal história cultural do ocidente - e dos seus herdeiros Liberalismo e Socialismo.

Berman afirma que Rousseau, homem profundamente perturba, primeiro a utilizar a palavra *moderniste* no sentido que seria utilizada nos séculos XIX e XX, é quem nos tira do devaneio e nos leva a autodeterminação psicanalítica e à democracia participativa (2001, p.17). Na novela Romântica *A Nova Heloísa* por ele escrita fica expressa segundo Berman a atmosfera contraditória de seu tempo: "Essa atmosfera de agitação e turbulência, aturdimiento psíquico e embriaguez, expressão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma..." (2001, p.18). Quando Rouanet analisa a idéia de autonomia política na Ilustração reconhece a posição isolada de Rousseau que não considerava suficiente propor ao cidadão, como propuseram Voltaire, Montequieu e Diderot, um sistema de garantias contra a ação arbitrária do Estado, mas sim sua efetiva participação na formação do governo. (2003, p.17).

Com relação à ideia de autonomia econômica Roaunet também apresenta a posição de Rousseau ao lado de outras: fisiocratas e economistas ingleses. "Por isso o ideal de Rousseau era uma ordem social onde todos pudessem satisfazer suas necessidades de alimentação, moradia e vestuário..." (2003, p.18) A contradição interna da modernidade está presente quando constatamos que esses pensadores, nem sempre, colocavam em conexão todas as dimensões da autonomia. Os fisiocratas, por exemplo, eram entusiastas da monarquia absolutista (2003, p.19).

No século XIX a modernização industrial, tecnológica, política e econômica foi atacada pelos modernistas que resistiam a esse ambiente pretendendo fazê-lo ruir ou que buscavam explorá-lo a partir de seu interior. Quando retoma a afirmação de Marx que apontava os proletários, que são para ele uma invenção tão moderna quanto o maquinário, como aqueles que reúnem em si as condições legitimamente modernas e revolucionárias para construção do futuro, Berman o situa como aquele que proclama o caráter paradigmático da fé modernista. Isso deixa também a interrogação sobre uma eventual possibilidade contraditória: a nova configuração que suplantaria a burguesia, fazendo-a desmanchar no ar (2001, p.19-21). Segundo ele tal qual Marx, Nietzsche também deposita sua fé num novo homem, o homem do futuro que através dos perigos infinitos do hoje criará os novos valores do amanhã e do dia depois de amanhã (2001, p.22).

Ao analisar as contradições da ideia moderna de liberalismo Rouanet denuncia que o universalismo implícito a ela revelou-se problemático, dando lugar ao evolucionismo antropológico, ao racismo e aos nacionalismos particularistas. O pacifismo foi suplantado pela guerra e o anticolonialismo rendeu-se ao imperialismo (2003, p.20).

O que Berman constata no século XX é uma rígida polarização: a modernidade é condenada radicalmente, ou é encarada com total otimismo e entusiasmo. A Primeira Guerra Mundial foi um golpe certo nessa visão acrítica dos otimistas. Afirma ele: "Assim os futuristas lançaram-se ardentemente a si mesmos naquilo que eles chamavam 'guerra, a higiene do mundo' em 1914. Em dois anos, dois dos seus espíritos mais criativos - o pintor escultor Umberto Boccioni e o arquiteto Antonio Sant'Elia - seriam mortos por máquinas que eles amavam." (2001, p.24-25). Após a Primeira Guerra os futuristas ressurgem com novas perspectivas de sua fé na tecnologia.

Contradizendo todo esse movimento temos Weber que para Berman "depositava pouquíssima fé no povo e menos ainda em suas classes dominantes, aristocráticas ou burguesas, burocráticas ou revolucionárias. Por isso, sua perspectiva política, pelo menos nos últimos anos de sua vida, foi o liberalismo" (2001, p.27).

Outra posição que vai ao encontro dessa é aquela de Marcuse que define a massa como um todo sem tensão e dinamismo interiores e que perdeu a sua individualidade. Suas ideias, desejos e ações são administradas. A dimensão política da ação transformadora da realidade dá lugar, aqui, à desilusão, ao desespero.

Berman demonstrou que o modernismo dos anos 60 ficou caracterizado pela ausência de qualquer relação entre a arte e a vida moderna ou pela luta política marcada pela força da revolta ou ainda pelo "ideal de cada um abrir-se à imensa variedade e riqueza de coisas, materiais e ideais, que o mundo moderno inesgotavelmente oferece" (2001, p.31). O pensamento de Berman nos remete, aqui, à análise que Rouanet faz da ideia de individualidade no contexto do Liberalismo. Para ele a individualidade outrora reservada aos nobres incorpora-se à ideologia liberal em todos os países. Para ele, Marcuse com sua análise de sociedade dimensional e Riesmann, com sua denúncia other-directed man, não são os únicos a denunciarem a tendência desindividualizante. Os próprios liberais Tocqueville e Stuart Mill o fazem também. O que ele constata finalmente é a transformação do individualismo em hiperindividualismo consumista, combinado com um antiindividualismo que busca as raízes identitárias do grupo a fim de alcançar a inserção comunitária (2003, p. 21-22).

Em relação à ideia de autonomia para Rouanet o Liberalismo mostrou-se também contraditório quando a autonomia política, instituída com o sufrágio universal, mostrou-se limitada e vazia sem a autonomia econômica e sem a autonomia cultural, necessárias tanto para a ação do indivíduo no espaço público quanto para devassar as legitimações dominantes (2003, p.25).

Já no socialismo real, segundo Rouanet, a ideia de universalidade, tão defendida pelo socialismo científico, foi primeiro negado e depois pervertida. No lugar da individualidade foi afirmado um antiindividualismo baseado na oposição à ideia de indivíduo egoísta. A autonomia intelectual não foi abolida, mas passa a ser controlada e tutelada pelos administradores para que seja garantida a liberdade verdadeira. A autonomia política é uma fraude travestida e a autonomia econômica entendida como segurança - condições para a

manutenção da subsistência - falhou constituindo-se, segundo Rouanet, na "causa mortis do socialismo real" que não conseguiu libertar as forças produtivas e produzir em escala comparável ou superior ao capitalismo (2003, p. 32).

Para além de todos os paradoxos e contradições Rouanet indica o caminho do Iluminismo como possibilidade civilizatória ante a barbárie que identifica presente aí na sociedade. Utilizando a ideia de tipo ideal de Weber em seu caráter heurístico e cognitivo, afastando-se assim das comparações positivistas e evolucionistas, formula a ideia iluminista como instrumento de análise e como padrão normativo. Enquanto normatividade da ideia iluminista surge então o que chama de civilização iluminista.

A aplicação prática de tal conceito de neomodernidade indicaria um caminho de superação da tendência (vazia) de alguns modernistas: a posição acrítica e passiva de John Cage diante do Xá do Irã; a insipidez de modernistas e antimodernistas dos anos 70; o cárcere da desesperança diante dos discursos de poder, constatados por Foucault como elementos de sujeição dos indivíduos.

Rouanet aponta para uma direção mais concreta que Berman. Enquanto o primeiro apresenta a ideia de civilização iluminista o segundo nos convida genericamente a perceber que muitos estão vivendo dilemas semelhantes aos nossos e que, por isso, podemos voltar a ter contato com uma cultura modernista a exemplo de Marx e Nietzsche que um século atrás também percebiam as contradições de seu tempo.

Assim, a ideia de modernidade é preservada nos dois autores para além das contradições da época moderna e para além dos desvios e limitações dos modernistas.

Rouanet propõe uma civilização iluminista como alternativa neomoderna para colocar fim às barbáries que para ele é a negação da universalidade, da individualidade e da autonomia. Noto aqui, na conclusão do texto *Mal-estar na Modernidade*, uma perspectiva de ideias que prefere o liberalismo ao socialismo. É evidente também, na sua construção argumentativa, uma sutil e dogmática reafirmação dos ideais epocais da Ilustração Ocidental em detrimento de qualquer alternativa outra que lhe pareça em franca oposição à sua, sob pena de ser intitulada Bárbara.

CONCLUSÃO

Enfim, apesar de ter identificado as contradições presentes na trama moderna, ele fez uma opção ideológica otimista e por que não conservadora dos velhos ideais da tradição iluminista e judaico-cristã. Assim parece ser, apesar de genérica, interessante a afirmação de Berman (2001,p.35): apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades e nos homens e mulheres modernos de amanhã e do dia depois de amanhã.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROUNET, Sérgio Paulo. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. 2.^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.